

TEXTO

Leia, com muita atenção, os fragmentos de textos apresentados a seguir e que versam sobre o CURRÍCULO E A EDUCAÇÃO DE SURD@S.

FONTE:

SILVA, Ianê de Albuquerque. Inclusão escolar: adaptação curricular para alunos surdos. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n. 11, Junho de 2013 – ISSN 1982-6842, p.1-10. Disponível em [http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/6\)%20Silva%20REVISTA%2011.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/6)%20Silva%20REVISTA%2011.pdf)

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: IMPLICAÇÕES PARA O CURRÍCULO ESCOLAR

É comum ouvir professores relatarem que os alunos surdos não conseguem escrever o Português, e como hipótese para essa afirmação geralmente utilizam a limitação auditiva como causa, nunca o problema está na metodologia, no processo de ensino ou no currículo, sempre no aluno surdo.

No entanto, a educação de surdos no Brasil encontra-se em um momento de transição e aparecem adeptos que se dividem entre duas propostas educacionais: a primeira que acredita que a escola especial é para os deficientes e a escola regular para os “ditos normais”; o outro grupo prega que o aluno deficiente interagindo com outros enriquecerá e estimulará o desenvolvimento, a interação e o conhecimento das diferenças provenientes da própria deficiência, ambos crescerão juntos e simultaneamente, mas o que os dois grupos concordam é que os surdos precisam se comunicar em língua de sinais.

Na busca de respostas aos questionamentos que envolvem a adaptação curricular para surdos, Formoso (2009)¹, sugere:

- que na educação de surdos os conteúdos são simplificados, como se eles não tivessem capacidade de aprender e estivessem sempre atrasados em relação aos ouvintes;
- que na educação de surdos, não há muita discussão de currículo, e quando há, estas são sugeridas pelos ouvintes;
- que na educação de surdos os conteúdos são infantilizados como se os surdos fossem incapazes de compreender as disciplinas do ensino regular;

¹ FORMOSO, Daniele de Paula. Professores surdos discutindo o currículo. In: THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena (Orgs.). *Currículo e avaliação: a diferença surda na escola*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. 133p.

- que na educação de surdos a maioria dos professores não domina a língua de sinais, fator determinante para efetivar uma educação de qualidade aos alunos surdos.

O que se observa na prática é que as propostas educacionais direcionadas para surdos não tem contribuído para seu pleno desenvolvimento, apresentando uma série de limitações advindas em grande parte da falta de adaptação curricular.

Por fim, o dispositivo da inclusão escolar salienta a diversidade, a disponibilidade e a abertura do professor na adaptação do currículo que favoreça a aquisição da língua de sinais simultaneamente com o aprendizado do português evocando ainda a necessidade da competência do professor na utilização da Libras.

FONTE:

LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo et al. **Educação infantil - saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização : surdez.** [4. ed.] / elaboração Professora Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. p. 52-57.

De acordo com o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, o professor deve desenvolver com as crianças a formação pessoal e social e o conhecimento do mundo.

No que se refere à *formação pessoal e social*, o currículo a ser desenvolvido deve priorizar a questão da *identidade e autonomia* da criança.

No que se refere ao *conhecimento do mundo*, devem ser priorizados as atividades que envolvam:

- expressão corporal;
- artes visuais;
- natureza e sociedade;
- matemática;
- linguagem oral e escrita.

Para o desenvolvimento de todas essas atividades com crianças surdas faz-se necessário que haja adequações, flexibilizações e adaptações curriculares.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

O objetivo do trabalho a ser desenvolvido com as crianças surdas na educação infantil é garantir oportunidades para que sejam capazes de:

- experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia;
- familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
- interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene;
- brincar;
- relacionar-se progressivamente com as demais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.

A proposta curricular utilizada para a criança com surdez é a mesma que a utilizada com qualquer criança.

É importante nessa fase estimular a linguagem da criança com surdez para que ela possa desenvolver línguas e com elas comunicar-se. O trabalho deve ocorrer de forma mais lúdica e expressiva possível, com atividades bem contextualizadas, e com muito estímulo visual.

Na educação infantil, as adaptações curriculares devem ser realizadas, principalmente, na área da expressão corporal e da linguagem. Os objetivos curriculares, de forma geral, permanecem os mesmos em relação aos níveis a serem alcançados, tendo consciência de que podem ser atingidos desde que se empreguem determinadas estratégias de acordo com as possibilidades da criança com surdez.

A dificuldade nasce quando se exige da criança uma atividade que se baseia quase unicamente na língua portuguesa oral, como por exemplo, expressar suas sensações diante um acontecimento vivenciado. A falta de linguagem oral impede as possíveis respostas. Essas respostas, quando aparecem, não passam de reações emocionais instintivas e primárias.

O que importa é o desenvolvimento da *linguagem* pela criança, para que ela tenha a compreensão do que está fazendo. Na avaliação de seu desempenho, deve estar presente o nível que ela atingiu concretamente nas atividades do *fazer* e sua compreensão, reconhecendo que utilizar plenamente a linguagem (oral ou LIBRAS) e a conseqüente capacidade de reflexão não entram nos objetivos da primeira etapa da educação infantil. Na avaliação, contudo, deve-se observar como estão sendo usadas, na rotina, as primeiras tentativas de conversação ou diálogo funcional.

[...]

O professor deve facilitar e estimular a interação do aluno com surdez no grupo de colegas (surdos ou ouvintes), pois é por meio dessa interação que ele virá a enriquecer suas possibilidades de comunicação e expressão. Assim como as outras crianças, o aluno com surdez vai compreendendo quais as atitudes e comportamentos que ele deve ter para ser aceito no grupo, e isso se dá por meio da observação e da imitação. O recurso da imitação é importante em todas as fases do desenvolvimento do aluno com surdez.

O professor não deve dar um tratamento diferenciado a uma criança só porque ela é surda. Ela, como as outras crianças, deve respeitar as normas e aceitar os limites estabelecidos pela escola, e esses devem ser bem definidos. Dar o exemplo é uma das formas mais seguras para a criança com surdez entender as regras sociais e os valores, pois ela aprende com o que vê, e não com o que ouve.

Quando ela fizer algo não socialmente aceito, o professor deve interferir imediatamente, explicando que o que ela fez está errado, tendo na expressão facial e corporal a desaprovação. A intervenção tem de ser imediata porque, passado algum tempo, ela dificilmente irá relacionar ou associar o de o professor está falando com o fato ocorrido. O reforço positivo (valorização de um ato), também deve ser imediato.

Apesar das limitações na área da comunicação oral, a criança com surdez tem condições de se desenvolver como as outras crianças de sua idade. Saber cuidar de sua higiene pessoal, cuidar de seu material individual, cooperar nos compromissos coletivos, ajudar os colegas, saber receber ajuda, assumir papéis, tomar iniciativa etc. são atividades simples, mas que ajudam a desenvolver na criança a responsabilidade e a autonomia, contribuindo também para uma interação maior com os colegas de classe. A superproteção e/ou tratamento diferenciado dado a ela somente prejudicam o seu crescimento pessoal e cognitivo.

[...]

O currículo desenvolvido com a criança com surdez na educação infantil é o mesmo desenvolvido com a criança que ouve, com as devidas adaptações linguísticas. A metodologia e a didática é que são diferenciadas, com atividades bem contextualizadas, vivenciadas e com apoio de muito recurso visual.

A educação da criança com surdez não deve acontecer entre quatro paredes. É preciso planejar passeios: museus, jardim zoológico, jardim botânico, parques, lojas, mercados etc. Esses momentos são ricos para que a criança vivencie, compreenda e aprenda sobre o mundo ao seu redor. Essas visitas favorecem o aprendizado de novos vocábulos, a construção de textos, a formação de hábitos e atitudes, a inclusão social.